

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### NIETZSCHE E FERNANDO PESSOA: PERSPECTIVISMO E HETERONÍMIA NA (DES)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Francisco Fianco<sup>1</sup> (UPF)

**RESUMO:** O presente artigo tem como tema a possibilidade de intersecção entre o pensamento de Nietzsche e a obra literária de Fernando Pessoa. Para tanto, utilizaremos como subsídio principal as obras *Fernando Pessoa e Nietzsche: o pensamento da pluralidade*, de Nuno Ribeiro; *Pessoa e Nietzsche: subsídios para uma leitura intertextual*, de António Azevedo; e *Olhares Europeus sobre Fernando Pessoa*, organizado por Paulo Borges.

**PALAVRAS-CHAVE:** multiplicidade; modernismo português; Crítica ontológica.

O impacto do pensamento de Friedrich Nietzsche na cultura europeia do último quartel do século XIX e a herança de seu pensamento nas primeiras décadas do século XX se fizeram sentir, ainda que pontualmente, em diversos contextos. Nossa proposta com este texto é tentar rastrear, de forma aproximativa e não exaustiva, através de pesquisas já realizadas e obras bem consolidadas sobre o tema, de que maneira poderia ter chegado ao modernismo português, em especial à obra de Fernando Pessoa e seus heterônimos, a influência daquele pensador. É sabido, como se demonstrará na argumentação que segue, que Pessoa muito provavelmente não realizou leituras diretas de Nietzsche, embora as ideias principais do filósofo não lhe fossem em absoluto desconhecidas, o que nos permite sugerir ecos do pensamento nietzschiano em diversas manifestações da poesia pessoana.

Nossa intenção será, portanto, mostrar de que maneira e por quais caminhos pode a filosofia das marteladas ter chegado até a poesia de Pessoa. Para tanto, utilizaremos, como subsídios principais, as obras *Fernando Pessoa e Nietzsche: o pensamento da pluralidade*, de Nuno Ribeiro; *Pessoa e Nietzsche: subsídios para uma leitura inter-*

<sup>1</sup> - fcofianco@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/2124983929639021>

textual, de António Azevedo; e *Olhares Europeus sobre Fernando Pessoa*, organizado por Paulo Borges. O texto se dividirá em dois momentos: o primeiro caracterizando contextualmente a filosofia de Nietzsche e trazendo brevemente alguns de seus conceitos que serão importantes para traçar esta relação com Fernando Pessoa; e um segundo momento no qual se investigará mais pormenorizadamente a relação entre estes dois autores e as possibilidades de influência do pensador alemão sobre o poeta português.

## 1. NIETZSCHE E O OCASO DA RACIONALIDADE OCIDENTAL

Localizado temporalmente na segunda metade do século XIX, o pensamento de Nietzsche pode ser entendido como um diagnóstico da decadência da civilização ocidental e de diversos de seus pressupostos mais antigos. O pensamento ocidental, desde o surgimento da cultura grega, sempre esteve pautado em uma estrutura ontológica dualista, lapidamente ilustrada pelo mundo das ideias de Platão e sua apropriação pela mitologia monoteísta judaico-cristã e seus desenvolvimentos. Esse pensamento religioso transcendente vai ser substituído pelo culto à racionalidade e ao progresso do Iluminismo do século XVIII, com sua ideia de melhoria constante e de possibilidade de felicidade universal. Por isso Nietzsche vai propor desde muito cedo, sendo um dos temas centrais de *O Nascimento da Tragédia*, de 1872, que retomemos a cultura trágica dos gregos como forma de enfrentar tanto a civilização dominada pelo pensamento religioso quanto pela sua continuidade imanente, o pensamento científico-tecnológico, de modo a fazer da arte um meio de resistência ao desespero causado pelo modelo de vida da modernidade(Nietzsche 2003:55) Não apenas a negação de um modelo cultural, mas igualmente a negação de uma concepção de tempo e de uma cosmologia. De acordo com a visão sustentada pelo ocidente até então, o tempo é dotado de linearidade, seja a partir da criação pela divindade, seja pela encarnação de Cristo, ambos eventos que denunciam uma centralidade cosmológica na humanidade, seja pelo fato de um universo ter sido criado para o seu domínio, seja pelo sacrifício do filho de um deus para a sua remissão. O desenvolvimento racional dos saberes não representa uma ruptura a este pensamento, senão apenas a sua metamorfose e disfarce (Nietzsche 1999: 56-58) .

Isso significa, aproximando o pensamento de Nietzsche do Sensacionismo pessoano, que a relação do homem com o mundo não é efetivamente uma relação de conhecimento, senão uma relação estética, baseada inteiramente em sensações. Esta oposição entre o racionalismo pessimista e a valorização da vida como fenômeno estético através da experiência trágica pode ser entendida, portanto, como foco central dos textos de juventude de Nietzsche (Machado 1984: 116), como podemos perceber igualmente no texto *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* (Nietzsche 1999). Mas há algo mais neste texto que nos interessa e antecipa um dos pontos principais de nossa argumentação: a quebra da noção de linearidade temporal realizada pela crítica de Nietzsche ao mito da ciência e do progresso da filosofia das luzes e que acaba por desconstruir a unidade subjetiva sobre a qual repousavam os fundamentos

da estruturação cognitiva, ontológica e moral da cultura ocidental moderna é sustentada por uma hipótese ainda mais radical, a da morte de Deus. (Azevedo 2005:143)

A morte de Deus (Nietzsche 2002: 135) não pode ser aí, bem como em outras passagens de Nietzsche, interpretada superficialmente como um ataque ao cristianismo ou à divindade monoteísta personalizada, e sim a constatação de um lento e crescente esfacelamento dos valores ontológicos e gnoseológicos que vinham sustentando a civilização ocidental e que culminam na sensação de decadência da modernidade, decadência da qual ele mesmo, Nietzsche, tem consciência de fazer parte. Segundo António Azevedo (2005: 20), é na poesia de Fernando Pessoa, no âmbito do modernismo português, que o niilismo nietzscheano, ao representar a crise espiritual de fins do século XIX, vai se fazer mais presente.

Ainda que não desenvolvido especificamente em uma obra, mas salpicado em diversas passagens dos textos de Nietzsche, o conceito de niilismo é um dos mais profícuos e importantes de seu pensamento (Araldi 1998: 75) Podendo ser entendido como o desencantamento com os ideais que vinham sendo desenvolvidos pela cultura ocidental até então, o niilismo se mostra como um profundo mal-estar, oriundo da constatação de que são arbitrários e frágeis, mesmo artificiais, os valores que sustentam a cultura e atribuem sentido à existência dos indivíduos. Consequência direta da “morte de Deus”, por vezes representado como uma doutrina do nada, como um impulso de negação da vida que denuncia a decadência da modernidade, como um cansaço da humanidade (Nietzsche 2004: 35), o niilismo é, em suma, “compreendido como doença, como transcurso doentio típico, adquirindo desse modo estatuto de questão fundamental, a partir da qual seria possível criticar-destruir a moral existente e possibilitar a criação de novos valores” (Araldi 1998: 84). Dessa maneira, o niilismo pode ser entendido em sua ambivalência, pois, se por um lado ele denuncia a falência dos valores estabelecidos, por outro ele anuncia a superação da decadência da qual ele mesmo faz parte e abre espaço para a criação, ou transvaloração, dos valores.

Voltando à discussão a respeito da maneira pela qual os conceitos de Nietzsche, como a “morte de Deus” e o Niilismo abordados acima podem ter influenciado a obra literária de Pessoa, chamamos a atenção para a forma através da qual os conceitos citados podem aparecer nas manifestações literárias do Modernismo Português. Embora o período mais intenso do Modernismo Português possa ser temporalmente localizado entre os anos 10 e os anos 40 do século XX, sua delimitação temática é infinitamente mais complexa (Martins 2010: 473). Social e ideologicamente, podemos compreender o modernismo como uma reação à estruturação social massificada e capitalista da sociedade burguesa e de seus valores fundamentais, como a estruturação familiar, a rigidez moral, o materialismo cotidiano. Além de corresponder a um tempo historicamente conturbado, os fundamentos teóricos do Modernismo foram semeados nas décadas anteriores pelos chamados “pensadores da suspeita”, como Nietzsche, Marx e Freud, todos eles orgulhosos de haver abalado irremediavelmente as certezas sobre as quais até então repousava o pensamento ocidental. Nada mais natural do que a literatura deste período ecoar incessantemente a pergunta pela natureza do sujeito e pela possibilidade de acesso deste ao real, ou seja, ao mesmo

tempo uma indagação e uma incerteza existencial e, por consequência, epistémica. Isso contextualiza a literatura modernista em geral como uma literatura que se faz através do ensaio, uma literatura da dúvida, que seguidamente cede o espaço da narrativa linear para figurar personagens que se assemelhem aos sujeitos que lhe são contemporâneos, perdidos e angustiados na fragmentação aforística da realidade. (Alonso 2010: 11-12).

Em relação especificamente ao Modernismo Português, podemos centralizar cronologicamente seu ápice entre os anos 1915 e 1917, ou seja, começando com a primeira das três edições, sendo que a última nunca veio a público, da *Revista Orpheu*, e terminando com *Portugal Futurista*. Isso obviamente para efeitos de sistematização, pois não se pode entrever aí uma determinada coerência teórica entre os diversos representantes do modernismo português nem neste período, nem no subsequente, no qual se faz notar claramente a influência dos primeiros e mais importantes representantes, entre eles Sá-Carneiro, Almada Medeiros e, sobretudo, através da “aventura ontológica negativa” (Martins 2010: 476), Fernando Pessoa.

Nesse sentido, podemos entrever o desenvolvimento dos heterônimos e mesmo do ortônimo como o desenrolar de diversas tentativas distintas de lidar com o drama de ideias, esta ruptura radical que termina por eliminar alguns dos baluartes mais substanciais sobre os quais se erguia esperançosa de futuro a civilização ocidental deste período de transição para o século XX, como os antes sacralizados e então des-truídos conceitos de Deus, Racionalidade, Progresso e Humanidade:

Assim, o que nos parece é que a recepção de Nietzsche, por parte de Pessoa, tem mais a ver com ambos comungarem do “drama de ideias”, que corporizam e iluminam a crise espiritual, que nasce nos finais do século XIX, e que grosso modo se caracteriza, por um lado, pela rejeição de uma metanarrativa histórica, do cristianismo, da democracia, do socialismo e do humanitarismo, e por outro, pela substituição da ciência, da religião e da filosofia pela arte. (Azevedo 2005: 20)

Isso não significa, obviamente, uma concordância plena entre ambos, senão a possibilidade de um diálogo entre as duas obras. Embora compartilhem do mesmo contexto cultural, da mesma constatação da necessidade de abandonar uma cosmovisão racionalista e otimista por uma cosmovisão mais trágica e realista, de certa forma radicalmente imanente, ambos apresentam caminhos alternativos, ainda que sutilmente, ao impasse causado pelo niilismo e pela decadência da cultura ocidental. O drama vivenciado por estes dois personagens de si mesmos é efetivamente o drama do homem moderno esmagado sob o niilismo, do sujeito que não é capaz de dotar sua existência de sentido porque todas as estruturas simbólicas que lhe permitiam isso já ruíram, como a transcendência do pensamento metafísico, a religião instituída como organização psicológica e social, seriamente desconfiado da capacidade da razão e da ciência em substituírem plenamente as ilusões supersticiosas do passado. Dessa forma, sem poderem gozar da liberdade possibilitada pelo vazio, Pessoa e Nietzsche

identificam e, principalmente, antecipam as agruras a serem vividas e enfrentadas pelos sujeitos na pós-modernidade.

## **2. NIETZSCHE E PESSOA: UMA RELAÇÃO INEXISTENTE?**

Um primeiro aspecto a ser explicitado em uma pesquisa que se dedique a estabelecer uma possível relação entre Friedrich Nietzsche e Fernando Pessoa é que esta relação, de forma concreta e inquestionável, não existe, ainda que, paradoxalmente, isto não invalide a intenção de pesquisá-la. Geralmente, quando se procede uma análise que versa entre dois autores distintos e sem filiação aparente ou direta, o que se procura encontrar são traços bem claros que liguem um ao outro, o que torna o labor, de certa forma, mais seguro, embora não menos louvável. Nossa questão é que não existem indícios claros a respeito da influência dos textos de Nietzsche sobre Pessoa ou do acesso deste à leitura direta da obra daquele, senão por intermediários ou mesmo pelo que se poderia chamar de atmosfera cultural da época em Lisboa.

Pelo que se sabe a partir da análise da biblioteca pessoal de Fernando Pessoa e de suas listas de leitura, o poeta português não entrou em contato direto com o pensamento do filósofo alemão. Segundo António Azevedo (2005:13) é de causar estranhamento o fato de que não se encontre nenhuma obra de Nietzsche no espólio de Fernando Pessoa em Lisboa, a despeito do evidente conhecimento da filosofia daquele que o poeta parece demonstrar ainda que indiretamente, principalmente se atentarmos ao fato de que ele conhecia a figura de Nietzsche no ambiente cultural europeu desde muito cedo, entre dezessete e vinte anos, ou seja, nos primeiros anos após o seu retorno da África do Sul, o que se deu em 1905, fato comprovado por um fragmento de carta identificado e assim datado por Maria José de Lancastre:

São inúmeros, em todo o mundo, os discípulos de Nietzsche, havendo alguns deles que leram a obra do mestre. A maioria aceita de Nietzsche o que está apenas neles, o que, de resto, acontece com todos os discípulos de todos os filósofos. A minoria não compreendeu Nietzsche, são esses poucos os que seguem fielmente a doutrina dele. (1981: 114)

Mais espantoso ainda é, segundo António Azevedo (2005: 15), o fato de que quando se pronuncia diretamente sobre Nietzsche Pessoa tende a criticá-lo, como em *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* e *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. No primeiro caso, Pessoa critica o fato de que Nietzsche, em relação à cultura e suas transformações ao final do século XIX, tende a abraçar as mudanças em curso que estariam levando a civilização ocidental a um patamar inferior em relação ao contexto precedente, sem se dar conta de o quanto um filósofo seria o resultado do contexto cultural sobre o seu temperamento, ao contrário do que Nietzsche propunha, que o pensamento seria a expressão individual e autónoma do pensamento. Já no segundo caso, Pessoa critica o suposto paganismo nietzschiano na medida em que este seria germânico e não grego, ou seja, que ao invés de elevar a cultura ao nível de desen-

volvimento que ela experimentou no mundo clássico pré-cristão ele estaria encaminhando a cultura para o estágio de barbarismo nórdico que resultaria na apropriação fascista do pensamento de Nietzsche, de uma cultura baseada na força.

O ódio de Nietzsche ao cristianismo aguçou-lhe a intuição nesses pontos. Mas errou, porque não era em nome do paganismo greco-romano que ele erguia o seu grito embora o cresse; era em nome do paganismo nórdico dos seus maiores. E aquele Diónisos, que contrapõe a Apolo, nada tem com a Grécia. É um Baco Alemão. (Pessoa 1966: 236)

Tal fragmento nos comprova que Pessoa tinha conhecimento, pelo menos, dos argumentos principais de *O Nascimento da Tragédia*, obra de 1872, embora sua interpretação esteja claramente mediatizada pelo senso comum europeu de então a respeito do pensamento nietzscheano, ou seja, a sua assimilação aos processos político-sociais totalitários. E tal interpretação do pensamento nietzscheano está adequadamente contextualizada se atentarmos para a maneira através da qual o pensamento de Nietzsche foi usado como motor de propaganda para o militarismo da Primeira Grande Guerra e, posteriormente, para o mito de superioridade da raça ariana no terceiro Reich e na Segunda Grande Guerra, conforme destaca e desenvolve o filósofo francês Michel Onfray no capítulo “Usos de um Intempestivo” da obra *A Sabedoria Trágica: sobre o bom uso de Nietzsche* (2006: 31).

Em uma extensiva análise destas relações em *Un insólito nietzsiano*, Pablo Javier Pérez López sugere que Fernando Pessoa apresentava, através de alguns de seus heterônimos, traços de concordância com o pensamento de Nietzsche a despeito do fato de se pronunciar concretamente contrário a este autor em seus comentários sobre a filosofia:

E para tornar tudo ainda mais paradoxal ainda: Não será verdadeiro igualmente o nietzscheano e o antinietzscheano pessoano? Expressão de uma tensão entre o que sofreu por amor à verdade e o que se abandonou ao misticismo, entre o poeta caeriano pagão e o filósofo ainda de inspiração romântica e schopenhaueriana? (López 2010: 171, trad. nossa)<sup>2</sup>

Parece, então, que o nietzschanismo de Pessoa pode ser entendido, ou mesmo resumido, pela sua frase lapidar que é, inclusive, usada por Pérez López como epígrafe de seu texto: “On n'est nietzschéen qu'à condition de ne pas avoir lu Nietzsche” (López 2010: 157). Ou seja, só se é verdadeiramente nietzsiano com a condição de jamais haver lido Nietzsche. E isso pode não ter sido um grande problema para o poeta na medida que o seu contato com Nietzsche não se tenha dado de forma sistemática ou a partir de uma leitura completa da obra de Nietzsche, e sim de forma lacunar e fortemente impregnada das interpretações que lhe eram contemporâneas, ou seja,

<sup>2</sup> Y para hacerlo todo más paradójico aún: ¿No será verdadero a la par el nietzscheano y el antinietzscheano pessoano? ¿Expresión de una tensión entre el que sufrió por amor a la verdad y el que se abandonó al misticismo, entre el poeta caeriano pagano y el filósofo aún de inspiración romántica y schopenhaueriana?

com “adherencia germanistas, interpretaciones malintencionadas y ediciones muy poco fidables” (López 2010: 160).

Acompanhando o estudo de António Azevedo (2005: 17), podemos supor que Pessoa tenha entrado em contato com o pensamento de Nietzsche, para além de uma possível mas até então não comprovável leitura direta, através de escritores ingleses, como Yeats e Bernard Shaw, e, sobretudo, por comentadores como Max Nordau e Jules de Gaultier, sendo que em relação a este último o espólio pessoano conta com um exemplar da obra *De Kant à Nietzsche*, além de outra obra sua, *La dépendance de la morale et l'indépendance de nos moeurs*. Quanto à leitura direta (Azevedo 2015: 18), ela se torna possível através da publicação da obra de Nietzsche em Portugal desde muito cedo, fato atestado também pela publicação, já em 1916, da obra de Raul Proença *Eterno Retorno*, com ampla repercussão nos meios intelectuais modernistas e anarquistas da Lisboa do início do século. Mesmo que não tenha possuído pessoalmente obras do pensador alemão, não lhe seria vedado o acesso a elas enquanto frequentador da Biblioteca Nacional, que já contava, desde 1901 e desde então continuamente, com exemplares, mormente em edições francesas, dos principais títulos de Nietzsche, excetuando-se *Der Antichrist*.

Assim, o contato comprovado de Pessoa com o pensamento de Nietzsche se dá principalmente de forma indireta e mais especificamente através da obra *De Kant à Nietzsche*, de Gaultier. A despeito dos trechos críticos à Nietzsche deixados por Pessoa, nesta obra, a partir das passagens sublinhadas e da marginalia pessoana, especialmente atentando ao contraste entre os sublinhados e as notas no capítulo oito do referido livro, com o título de Frédéric Nietzsche e os demais capítulos, com escassas notas e mesmo alguns com páginas imaculadas, podemos perceber um ponto de aproximação entre ambos através da admiração do poeta pela concepção estética do filósofo (Azevedo 2005: 18). Quando destaca, de acordo com Antonio Cardiello, respectivamente nas páginas 304 e 302 de seu exemplar da quarta edição de *De Kant à Nietzsche*, publicado em 1910 por Jules de Gaultier, as frases: “Assim a obra de arte é a suprema explicação da vida” e “É isto que a arte dionisíaca agrupa à arte apolínea, é a consciência junto ao artista da identidade entre espetáculo e espectador” (Cardiello 2010: 145, trad. nossa)<sup>3</sup>.

A concepção da existência como um fenômeno estético resulta em uma necessidade de encarar o pensamento não como um exercício exclusivo de rigorosidade científica ou de reflexão moral, mas como uma reflexão sobre a vida segundo critérios estéticos, e assim, consequentemente, uma reflexão sobre vida enquanto obra de arte e o sujeito como personagem de si mesmo. Ainda que a filosofia tenha em comum com a ciência o expressar-se conceitualmente, difere daquela através de seu objeto de reflexão, a vida, e o seu meio de expressão de vitalidade, a arte. Do contrário, tem-se uma filosofia subjugada à ciência, ao instinto de conhecimento exagerado que no contexto grego Nietzsche identifica com o racionalismo socrático, e que é um reflexo do enfraquecimento da vitalidade e um abandono dos valores que possibilitem uma existência poderosa e criativa. Mantendo-se fiel a esse procedimento,

<sup>3</sup> Ainsi l'œuvre d'art est la suprême explication de la Vie” e “Ce que l'art Dionysien ajoute à l'art Apollinien, c'est la conscience chez l'artiste de l'identité du spectacle et du spectateur.

pensamento nietzschiano inaugura uma nova abordagem da tarefa da filosofia, pois ao ultrapassar os limites da teoria do conhecimento e da ética, sua filosofia dedica-se à beleza e suas consequências em todos os aspectos da vida humana, fazendo da capacidade afirmativa da existência inherente à arte a antítese ao pessimismo e ao niilismo, que atravessam as eras, começando no contexto grego com o racionalismo socrático-platônico, sedimentando-se ao longo dos tempos com o plato-cristianismo e culminando na modernidade como a doutrina do nada na qual só pode desembocar esse modelo de pensamento negador da vida. (Araldi 2004: 130). O importante, nesse contexto, não é tanto o rigor argumentativo ou a consistência lógica dos enunciados, nem mesmo sua profundidade metafísica ou sua adequação à realidade empiricamente verificável, e sim a verdade que eles apresentam, seja através da filosofia, da arte ou dos mitos ou da literatura. E essa verdade deve servir, em último caso, para permitir ao ser humano uma existência harmônica em relação à vida, a despeito de toda a dor e sofrimento que ela traz consigo. Por essa razão é que a arte salva a vida para si mesma, justificando a existência e o mundo como fenômeno estético e baseando a vida na aparência e na beleza, mesmo que essas sejam ilusão e erro, pois apenas uma existência extremamente próxima da vida tem a necessidade e o privilégio de enxergar o mundo através do véu da beleza que, longe de esconder a verdade, permite, através de si, compreendê-la (Dias 2000: 13).

Nuno Ribeiro (2011: 52) destaca o fato de que, apesar do flagrante interesse por filosofia e dos diversos projetos de Pessoa de escrever sobre filósofos, nomeadamente Parménides, Heráclito e Schopenhauer, o mesmo não se dá com Nietzsche, sendo que a respeito deste se encontra no espólio apenas uma página nomeada “Friedrich Nietzsche”, além da citação de seu nome e de obras suas e a seu respeito nas listas de leituras que o poeta pretendia realizar, sendo listadas as obras *Nietzsche et l'immoralisme*, de Fouillée, e *Philosophie de Nietzsche*, de Henri Lichtenberg, listados em um caderno de notas de 1906. A persistência do interesse de Pessoa no pensamento de Nietzsche fica clara se levarmos em consideração que em outro caderno de notas, este de 1911, ou seja, cinco anos depois, encontramos a menção a outros livros sobre o filósofo, nomeadamente *Nietzsche: his life and works* e *Nietzsche and art*, ambos de Anthony Ludovici e *Friedrich Nietzsche, his life and work*, de Maximilian August Mügge.

Além destas, podemos listar algumas obras sobre Nietzsche escritas por comentadores, sendo uma delas o já citado *De Kant a Nietzsche* de Jules de Gaultier e a outra *Revaluations: historical and ideal* de autoria de Alfred Benn, especialmente neste o longo capítulo (53 páginas) chamado *The Morals of an Immoralist – Friedrich Nietzsche*, que se encontra, assim como o capítulo dedicado a Nietzsche do livro de Gaultier, muito mais sublinhado, indicando uma leitura mais interessada e atenta do que os demais. Os escritos de Pessoa contêm outras referências a obras de comentadores de Nietzsche, como uma tradução francesa da obra *Entartung* de Max Nordau, que, apesar de não constar na biblioteca de Pessoa, está em pelo menos quatro de suas listas de leitura e uma referência a obra *Fréderic Nietzsche: contribuition a l'histoire des idées philosophiques et sociales du XIX siècle*, de Eugène de Roberty citada por Pessoa em seu *Escritos sobre Génio e Loucura* (Ribeiro 2011: 54).

Porém, apesar de todas estas referências não apenas comprovarem o interesse de Pessoa por Nietzsche como nos permitirem igualmente inferir a grande influência do pensador sobre o poeta, não há indício nenhum de que tais leituras em projeto, tanto estas citadas quanto as de obras do próprio autor, tendo em vista que em uma lista de leitura de Pessoa abaixo dos nomes de Max Nordau e de Jules de Gaultier apareça a expressão genérica: “Fr. Nietzsche: (Livros)” (Ribeiro 2011: 55), tenham sido efetivamente realizadas, embora se encontrassem disponíveis a Pessoa através da Biblioteca Nacional, conforme já comentamos acima.

A despeito de todas estas incertezas, o que é inegável é o aparecimento, ainda que esporádico, de diversos conceitos nietzschianos, seja por via de leitura direta ou de comentadores, na escrita de Fernando Pessoa, o que nos permitiria identificar com certa precisão determinadas leituras em fonte direta. Segundo Nuno Ribeiro (2011:55) conceitos como anticristianismo, “morte de Deus”, moral dos senhores e moral dos escravos, apolíneo e dionisíaco, aparecem em diversos trechos da obra de Pessoa sem que o nome de Nietzsche ou de suas obras sejam diretamente citados, o que nos permite inferir senão uma leitura direta pelo menos a possibilidade de popularização de tais conceitos no ambiente cultural e literário que lhe era contemporâneo.

Por outro lado, a possibilidade de uma leitura direta só pode ser pensada se pudermos localizar citações textuais, ainda que inexatas, de Nietzsche presentes em Pessoa. Nesse sentido, Nuno Ribeiro destaca (2011:55) duas passagens: a primeira uma citação de *Assim Falava Zaratustra*, “A alegria quer profunda, profunda eternidade”, e a segunda referindo-se a uma frase d’O Anticristo, “Desde este dia, em toda a Ibéria, transformação de todos os valores”. Ambas as citações são imprecisas, uma vez que, no caso da primeira, a citação original é “Alle Lust will Ewigkeit, will tiefe, tiefe Ewigkeit”, na qual Nietzsche usa a palavra *Lust*, desejo, prazer, e não alegria, *Freude*. Erro este que talvez não possa ser creditado a Pessoa, que certamente usou uma tradução, esta sim, provavelmente, imprecisa, já que o poeta tentou, sem sucesso, aprender alemão (Ribeiro 2011: 56). A segunda, encontrada nos rascunhos de um ensaio que se chamaria “Ibéria”, é igualmente imprecisa, pois Pessoa usa o termo “transformação”, que em alemão seria *Verwandlung*, ao passo que a citação original é “Umwertung aller Werte!”, sendo *Umwertung* traduzido geralmente por “transvaloração” (Ribeiro 2011: 56).

Anotamos que Ribeiro usa o termo “transmutação”. Optamos por “transvaloração” por ser a tradução mais comumente encontrada na bibliografia brasileira sobre o tema, sendo utilizada por diversos especialistas em Nietzsche no Brasil (Scarlet Marton, Oswaldo Giacoia Junior, Roberto Machado), que é igualmente a forma encontrada na tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho das obras incompletas de Nietzsche na coleção “Os Pensadores”. A tradução mais recente, de Paulo César de Souza, usa “tresvaloração”, justificando sua escolha em uma nota de rodapé (nota 81) de *Além do Bem e do Mal* (Nietzsche 2004: 52).

Assim sendo, podemos concluir que, apesar do aparecimento de conceitos da filosofia nietzschiana em diversas obras e personagens literárias de Pessoa, sua leitura direta comprovável, ainda que não integralmente, pelo menos de forma igualmente

fragmentária, é pelo menos das obras *O Anticristo* e *Assim Falava Zarathustra* (Nietzsche 2007: 2014). Porém, mais fundamental para o desenvolvimento de nossa argumentação é não apenas a relação comprovada ou não entre ambos, senão suas convergências de contexto, criticidade e reflexão.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: MULTIPLICIDADE E HETERONOMIA**

O aspecto artístico, teorizado por Nietzsche e seguido enquanto forma de criação literária por Pessoa, não é, no entanto, o único traço que se pode intuir como semelhança entre ambos a uma primeira vista. Faz-se notória a questão da identidade e da pluralidade, da unicidade e da multiplicidade. Ao longo da leitura de *Fernando Pessoa e Nietzsche*, de Nuno Ribeiro (2011), podemos perceber, a partir da heteronímia e da pluralidade do sujeito, outros argumentos comuns que estão logicamente encadeados à problemática questão do sujeito múltiplo e esfacelado, como uma visão de mundo imanente, ou seja, desprovida de um elemento transcendente como alma, consciência ou substância que possa dar ao sujeito uma unidade identitária. O abismo ontológico desse sujeito mutante, que aliás segue sendo desenvolvido no *Livro do Desassossego* (Pessoa 2016) gera também uma desconfiança em relação ao conhecimento das coisas para além dos sentidos e de sua imediaticidade, pois não havendo transcendência não pode haver igualmente uma essência, seja dos sujeitos, seja dos objetos, para ser conhecida, desencadeando a conclusão da artificialidade das relações sociais e da moralidade, pois estas se baseiam inteiramente nas aparências das coisas e se iludem tomando tais aparências por essências.

Embora não lide com heterônimos, Nietzsche pode ser entendido igualmente como um pensador plural, na medida em que usa diversos personagens para expressar e ilustrar seus argumentos, recorrendo também a mitos e narrativas que muito se aproximam da composição literária. Diversos momentos de sua obra podem ser entendidos tanto como a elaboração literária, com mais ênfase na retórica do que no desenvolvimento racional de seus argumentos, quanto como um teatro de conceitos filosóficos no qual personagens distintos interpretam o papel de conceitos distintos. Em diversas passagens de *Zaratustra*, assim como em outras obras, estes múltiplos personagens interagem entre si, discutem, concordam, criticam e se autocriticam, ilustrando perfeitamente a evolução do pensamento de um filósofo que não teme a incerteza e o abismo criados pela dissolução das estruturas da modernidade.

Apesar do paralelo em termos de pluralidade e perspectivismo, não é possível superar a multiplicidade heteronímica pessoana, uma vez que sejam registradas mais de setenta personalidades literárias, das quais as citadas acima são apenas as mais ilustres. Porém, não apenas de uma miríade de personalidade diferentes se compõe o corpus pessoano, senão que igualmente de correntes múltiplas de pensamento, como o neopaganismo, o interseccionismo, sebastianismo, sensacionismo, entre diversos outros, nos quais faz encaixar seus heterônimos, sobre os quais eles tecem

críticas aos movimentos e uns aos outros, defendem pontos de vista estéticos, entrecruzando referências e criando um mundo literário e intelectual autossuficiente e extremamente complexo. E a pluralidade de personagens se soma à multiplicidade de posicionamentos teóricos para sofrer ainda uma nova variação, a pluralidade de estilos de escrita que, praticada por ambos os autores com igual maestria, nos força a suspeitar de uma multidão em cada um dos múltiplos eus da poesia de Pessoa e do pensamento de Nietzsche.

Estas considerações nos forçam a indagar sobre a validade de seguirmos lidando com a noção clássica de unidade subjetiva. Talvez este seja um raro ponto de concordância entre os diversos heterônimos de Pessoa, o de que não existe estabilidade ou unidade em nenhum sujeito, pois, ao passo que Ricardo Reis diz “Vivem em nós inúmeros”, Alberto Caeiro sobre si mesmo diz “Eu o complexo, eu o numeroso”. Isso significa que talvez estejamos nos enganando constantemente ao dizer “eu” e, ao longo do discurso, acreditar que este eu se refira sempre ao mesmo sujeito, e não aos diversos sujeitos que nos habitam. Assim, a pluralidade, ou o sujeito como realidade plural, só vai ganhar unidade através de sua obra, processo utilizado como equilíbrio destas diversas forças conflitantes que compõe o sujeito tanto pelo viés da reflexão filosófica nietzschiana quanto, e principalmente, pela criação da multidão heteronímica pessoana. Mas esta relação entre Nietzsche e Pessoa do ponto de vista da multiplicidade subjetiva e da pluralidade da heteronomia, desenvolvimento lógico desta pesquisa, terão que ser abordados em um momento futuro.

## OBRAS CITADAS

ALONSO, Julia. *Fernando Pessoa: Un pensamiento de la nada*. Paulo Borges (org.). *Olhares europeus sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010, pp. 11-42.

ARALDI, Clademir Luís. *Nihilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. Para uma caracterização do Nihilismo na obra tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche* (São Paulo), n. 5, pp. 75-94, 1998. Disponível em: [http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn\\_05\\_05%20Araldi.pdf](http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn_05_05%20Araldi.pdf).

AZEVEDO, António. *Pessoa e Nietzsche: Subsídios para uma leitura intertextual de Pessoa e Nietzsche*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CARDIELLO, António. Pessoa, Leitor de Gaultier: De Kant à Nietzsche. Paulo Borges (org.). *Olhares europeus sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010, pp. 143-156.

DIAS, Rosa Maria. *Arte e Vida no pensamento de Nietzsche*. Daniel Liens et al (orgs.). *Nietzsche e Deleuze: Intensidade e Paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 9-21.

LANCASTRE, Maria José de. *Fernando Pessoa: Uma Fotobiografia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981.

LÓPEZ, Pablo Javier Pérez. Um Insólito nietzsiano: Notas sobre el Nietzscheanismo explícito e implícito de Fernando Pessoa. Paulo Borges (org.). *Olhares europeus sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010, pp. 157-230.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MARTINS, Fernando Cabral. *Fernando Pessoa e o Modernismo Português*. São Paulo: Leya, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A Gaia Ciência*. [Die Fröhliche Wissenschaft] Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. [Jenseits von Gut und Böse: Vorspiel eine Philosophie der Zukunft] Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Anticristo*. [Der Antichrist] Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. [Die Geburt der Tragödie] Trad. Jaime Guinsburg. 2<sup>a</sup> ed. 7<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*. [Über Wahrheit und Lüge im Außermoralischer Sinne]. *O Livro do Filósofo*. [Das Philosophenbuch]. Porto: Rés, 1999, pp. 52-63.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. [Also sprach Zarathustra]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. *La volonté de puissance II*. Paris: Gallimard, 1995.

ONFRAY, Michel. *La Sagesse Tragique: Du bon usage de Nietzsche*. Paris: Grasset & Fasquelle, 2005.

PESSOA, Fernando. *O guardador de rebanhos e outros poemas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

PESSOA, Fernando. *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. . Lisboa: Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. *O Livro do Desassossego*. Porto: Assírio & Alvim, 2016.

RIBEIRO, Nuno. *Fernando Pessoa e Nietzsche: O Pensamento da Pluralidade*. Lisboa: Babel, 2011.

## NIETZSCHE AND FERNANDO PESSOA: PERSPECTIVISM AND HETERONYMIA IN (DE)CONSTRUCTION OF SELF

**ABSTRACT:** The present text has as its aim the possibility of intersection between Fredrich Nietzsche's philosophical works and Fernando Pessoa's poetry. To do so, we will use as main subsidy the works *Fernando Pessoa and Nietzsche: the thought of plurality*, by Nuno Ribeiro; *Pessoa and Nietzsche: subsidies for an intertextual reading*, by António Azevedo; and *European Looks on Fernando Pessoa*, organized by Paulo Borges.

**KEYWORDS:** multiplicity; Portuguese modernism; ontological criticism.

Recebido em 9 de abril de 2018; aprovado em 2 de dezembro de 2018.